



Depois de 50 anos  
seu amor continuava  
tão misterioso e eterno como  
quando começou

## O Filósofo e a Colegial

JIM BISHOP

O BAR DO Castellana Hilton, de Madri, estava escuro, fresco e quase vazio. Era a hora da sesta, e o Sol a pino batia num milhão de persianas fechadas.

O velho ao canto agitava seu copo de chá gelado no escuro frescor do suor do copo. As coisas que êle dizia à senhora ao seu lado eram ditas num sussurro, como as que se ouvem na igreja. A mecha de cabelo branco em sua cabeça era tão arrumada como o seu espírito, e dava uma dignidade indescritível aos planos de mármore do seu rosto.

A mulher era o seu amor. Era

pequena e simples, uma boneca com os olhos escuros e brilhantes de uma órfã que olhasse para a sua primeira árvore de Natal, e corpo pequeno demais para o rosto. Tinha o ar de uma criança envelhecida.

Foi isto em 1963, e quiséramos que êles ainda estivessem sentados no frescor escuro do Castellana. Porque, naquela tarde quente, o Dr. Will Durant estava lembrando à sua Ariel que êles se preparavam para comemorar o 50.º aniversário do seu casamento. Êle bebia o chá e passava um dedo sob o bigode branco aparado e tentava explicar a ma-

gia de amar uma mulher para sempre.

Bem, não para sempre. O Dr. Durant é agnóstico e acredita que, quando chegar o momento de dizer adeus ao seu amor, será engolfado num vazio escuro, sem memória nem aspiração. A Sr.<sup>a</sup> Durant compreendia. A certa altura ela sorriu, escondeu o rosto com as pequeninas mãos e olhou o marido por entre os dedos. Ela curvou os ombros como uma garôta a quem fôssem fazer cócegas.

Will Durant é autor de *História da Filosofia, Transição*, e co-autor de uma obra de 10 volumes intitulada *História da Civilização*.\* Êle não procurou as honras e conquistou-as tôdas. Durant tinha 32 anos quando o reitor da Universidade de Colúmbia lhe conferiu o título de Doutor em Filosofia. Para ajudar a custear os seus estudos, êle lecionara num modesto colégio de Manhattan. A turma era pequena e também o ordenado. Na primeira fila sentava-se Ida Kaufman. Ida tinha 14 anos e era irrequieta. Seus olhos escuros erguiam-se para o professor, e ela tinha certeza de que seria feliz se pudesse erguer os olhos para êle durante tôda a vida. Ida e seus pais eram judeus refugiados da Rússia. Não tinham nada. Muitas vêzes a menina usava o mesmo vestido estampado a semana inteira.

Quando ela estava com 15 anos e êle com 28, o professor propôs-lhe casamento. Foi como se estivesse revelando um segredo que não mais

conseguisse guardar. A menina do Harlem disse que sim, sim e sim. Will Durant pediu-lhe que consultasse seus pais. Êstes proferiram uma sentença bondosa: não. O jovem professor foi ao Harlem, sentou-se nervosamente na beirinha de uma cadeira e defendeu sua causa.

Joseph e Ethel Kaufman disseram que não, não e não, e afinal, que sim. Êsse foi o primeiro passo. O segundo foi explicar que, embora criado por pais católicos romanos e tivesse até mesmo uma irmã freira, êle não poderia concordar em casar-se em qualquer igreja, ou templo, porque seria hipócrita.

A Sr.<sup>a</sup> Kaufman levou a mão à cabeça. Durant disse que êle precisaria da presença dela para casar-se com Ida. Pois o juiz poderia não aceitar a sua palavra de que a mãe tinha dado o seu consentimento.

A Sr.<sup>a</sup> Kaufman concordou em comparecer. A licença foi expedida por um escrevente municipal adjunto em outubro de 1913. O Professor Durant telefonou para a Prefeitura e marcou a data. Segurava as mãos da môça entre as suas ao dizer-lhe o dia e a hora do casamento.

Quando chegou o dia, a noiva assistiu primeiro às aulas num curso de secretariado, aonde tinha ido de patins. Will encontrou-se com ela no curso, e juntos tomaram o metrô para o centro da cidade. Quando entraram na sala de audiência do regedor, Ida levava os patins pendurados no braço.

"Oh, não!", exclamou o regedor.

\* Ver "As Lições da História", Seleções, setembro de 1969.

“Nego-me a casá-los.” Olhou para Will e disse: “Se o senhor acha, professor, que vou tomar parte numa cerimônia que envolve uma criança...” Durant apresentou a mãe de Ida, e esta reiterou o seu consentimento. O regedor voltou-se para a noiva e perguntou: “Você sabe o que está fazendo?” Ela fêz que sim com a cabeça e pousou os patins no chão.

Terminada a cerimônia, o jovem abraçou-a. Ela segredou-lhe: “Você é meu professor e também meu marido...”

Posteriormente, Ida tornou-se Ariel.\* “Começamos a chamá-la assim”, explicou Will Durant, “porque ela era forte e corajosa como um menino; ágil e travêssa como um duende.” Tiveram dois filhos, Ethel e Louis. O doutor abandonou o ensino para escrever, e sob a sua pena as idades do homem voltaram vibrantemente à vida. Durante algum tempo Ariel foi revisora, animadora e esclarecedora de dúvidas literárias.

Era como se ela, satisfeita com o seu papel secundário, estivesse eternamente patinando através da mente dêle, tornando-se cada vez mais indispensável. Ela o aliviava de alguns trabalhos de pesquisa e passava horas mergulhada em livros empoeirados à procura de minúcias que êle precisava. Nasceram volumes grossos, que foram aclamados pelos *littérateurs* do mundo. O nome de “Will

\* Espírito aéreo da *Tempestade* de Shakespeare.

Durant” no dorso de um volume era garantia de grande vendagem.

Em 1961, Simon e Schuster editaram *Começa a Idade da Razão*, e o mundo das letras surpreendeu-se ao ver que fôra escrito “Por Will e Ariel Durant”. A colegial do Harlem tornara-se colaboradora integral. Quanto mais envelheciam, maior era o trabalho que ela assumia, digeria e punha na frente dêle.

Na tarde em que estavam no bar do Castellana Hilton, êle tinha 78 anos de idade e ela, 65. Êle mexeu o copo de chá, formando círculos molhados na mesa, e disse-lhe pela 10.000.<sup>a</sup> vez que sem ela êle não poderia ter produzido tanto. Aproximava-se o seu 50.<sup>o</sup> aniversário de casamento, e êle pensou, sem olhar para ela, que deveria haver um presente especial para assinalar um marco notável.

Não, disse ela. Nem o Taj Mahal poderia acrescentar coisa alguma à sua satisfação. Não queria presente especial. O amor e o trabalho eram suficientes.

—Você tem razão concordou êle.—O nosso trabalho e o nosso amor tornaram-se uma coisa só.

Novamente ela escondeu o rosto com as mãos.

Sou a sua velha companheira disse ela.—Você me ama porque sabe que eu o amo com loucura.

De repente ela deu uma gargalhada. Êle levantou os olhos do chá.

—Lembra do dia em que estávamos num grupo grande, e eu não queria calar a bôca, e você não pa-

rava de me passar pratos de nozes? Eu as comia e continuava falando.

Um escritor aproximou-se dêles para apertar a mão do grande homem. Cumprimentou Ariel e perguntou se ela achava que o casamento seria duradouro. Ela nunca hesitava para falar.

—Êle foi meu professor e meu

guia há 50 anos. Êle ainda é meu professor e meu guia.

O Dr. Durant sacudiu a cabeça violentamente. O amor dêles era quase uma coisa embaraçosa. Ariel mostrou sua mão esquerda.

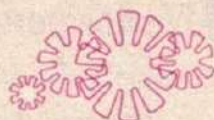
—Êle se esqueceu de me comprar uma aliança—disse ela.—E eu nunca senti falta dela.



BETTY, MINHA mulher, é completamente surda, e a minha audição é normal. Nós nos comunicamos principalmente por meio de sinais. Nossa situação deve fascinar muita gente, pois constantemente nos perguntam coisas como: “Vocês nunca discutem por sinais?”

A resposta é simples. Sempre que discordamos, Betty simplesmente diz o que pensa . . . depois fecha os olhos. —D. C.

UMA HISTÓRIA freqüentemente contada no nosso clube de pára-quadistas é a do sócio que tomou parte em um salto noturno com uma roupa que tinha luzes pisca-pisca vermelhas e brancas para evitar colisão com outros pára-quadistas. Êle confundiu uma área bem iluminada com seu alvo pré-determinado e dirigiu seu pára-quadista para lá. Quando chegou em terra, percebeu seu êrro e dirigiu-se a uma mulher que estava apreciando a descida dêle. Com as luzes ainda piscando, perguntou a ela onde estava. A mulher, òbviamente abalada, respondeu depressa: “Na Terra!” —D. J. M.



### *Lucros Líquidos*

O DONO de um restaurante na aldeia de Flein, na Alemanha Ocidental, comprou um barril de vinho abandonado de 20.000 litros e converteu-o numa taberna que acomoda 20 pessoas (*The Insider's News Letter*) . . . Um fabricante de cidra da Inglaterra descobriu uma lucrativa atividade suplementar: a venda de seus velhos barris de cidra para garagens de carros pequenos (Noel Anthony) . . . Em Kansas City, Misúri, transformaram em bar um velho avião de passageiros que tinha o nome de “Vôo 42”; é ideal para as pessoas que querem ficar altas sem terem de VOAR (Nathan Nielsen, em *World Herald* de Omaha)